

Entalattes

Patricia Limaverde, 08/04/2023

.enquanto preparava o memorial de progressão
patricia.limaverde@uece.br

Estava tudo indo bem, até ela engasgar. Já estava quase terminando.

Passou duas noites escaneando tudo e organizando em pastas de acordo com o ano. Durante a manhã, escrevia o memorial. Produzia mais na janela entre o café da manhã e o almoço. À tarde selecionava o que ia escanear, daquele monte de papel que guardava na gaveta. Era pra ter guardado tudo já separadinho. Por ano, por tipo. Por que não fez assim??

Bom, mas agora já estava quase terminando. Faltava escanear alguns artigos e imprimir o restante. Então, como geralmente acontece quando precisamos que tudo funcione bem, alguma coisa emperrou. Não conseguia imprimir, estancou de vez. Abriu a tampa, tirou a parte móvel. Havia umas folhas engasgadas na ponta de um rolinho e outras no rolo grande. Foi puxando tudo com força pra sair.

Tanta força pra quê? Bateu forte no computador que caiu. Sorte que desengasgou a impressora bem na hora e um monte de folhas foi saindo. Era pra ter mandado imprimir só depois de desengasgar, agora tá repetindo tudo de novo. O computador travou também. Professora é pra sofrer mesmo, só faltava isso. Era muita folha, gente, repetindo tudo! Como parar essa coisa???. Vai faltar folha pra imprimir o que restava e as provas de amanhã.

Assistindo a impressora cuspir tudo no chão, ela lembrou das noites em claro. Tava ficando lindo, tudo organizado. Agora, cadê? Os arquivos travados e as folhas repetidas saindo sem parar. O computador sem responder, nem desligava, nem ligava. Será que perdeu tudo? De repente um gelo, um pavor, uma dor no estômago. Nesses dias não tinha comido bem. Uma tontura, um saco cheio. Uma vontade de chorar, de jogar tudo fora, de gritar. E tudo foi junto com o aperreio, os estudantes desanimados, a falta de professores e o excesso de trabalho, o coordenador que não esquece o WhatsApp, o concurso que não sai, a família cobrando o investimento nos estudos, os amigos que não tinha mais, as provas de amanhã, o prazo da pós que era hoje até meia noite, ...

Parecia a impressora desengasgada, cuspidando tudo que estava entalado, de uma vez, repetindo o que passava na cabeça, no estômago, no peito, mas não dava vencimento. Quanto mais cuspia mais entalo vinha, era dor demais, nem sabia o que era, só gritava, chorava. Começou a rasgar a merda toda, porra, que ela não era máquina, que tinha uma vida além do lattes, que para alguma coisa ela tinha que servir na vida, que tudo que ela fez não valia nada, e esse computador de merda também não ajudava, quebrou tudo. A porra do salário congelado há 8 anos, mas também professor não faz nada, cadê a produtividade, e os indicadores, a merda devia se chamar quantis em vez

de qualis, produzir, produzir, artigo, resumo, artigo, porque mais vale um A1 do que um fim de semana. Decidiu comer os artigos, rasgava em pedaços primeiro, comia a introdução de um, as referências de outro, as conclusões de araque deixou pra depois. Comia as declarações, um certificado aqui, os diplomas pedacinho por pedacinho, deliciando-se.

Agora alternava o choro com gargalhadas, lembrava de cada evento que participou, e comia o certificado, de cada banca, e comia declarações, gargalhava, gargalhava com prazer de revanche. Pensava assim, cada declaração valia umas 200 páginas daquela porra de TCC que tive que ler, dar parecer. Nunca mais tive um fim de semana, nunca mais fui à praia, nunca mais. Chorava, gritava e comia tudo, enchia a boca, o estômago, a mente, com a satisfação própria da liberdade. Que governo de merda, preciso de um computador, esse daqui não presta.

Encontrou as contas na cabeceira da cama e comeu também, gargalhando.

Nem notou quando a impressora parou por falta de papel. Estava absorta no esfacelamento de uma publicação de 6 anos atrás, na época do assédio. Rasgava tudo, comia tudo. Depois foi a vez dos capítulos de livros, nesses demorou mais.

No dia seguinte, a faxineira a encontrou nua no quarto, toda suja de tinta, a boca sangrando, com papéis espalhados por todo o chão, alguns grudados com fita nas paredes, no teto e no ventilador.

Os olhos vazios, o semblante contente, e só repetia: lattes, lattes, lattes.